

VILÉM FLUSSER

R. Salvador Mendonça, 76,
São Paulo.

S. Paulo, 20 de 9 de 64.

Ilmo sr. Paulo Leminski Filho,
r. Bispo D. José, 2459,
Curitiba.

Prezado Amigo,

peço desculpas pelo atraso com o qual respondo a sua carta. Não foi por desinteresse, mas estive inteiramente absorvido por um trabalho que acabo de entregar aos editores. É uma tentativa de ética, e tem o título tentativo e tentador "História do diabo". Respondo da melhor maneira possível:

pag 2 a) creio que a cibernética como método de pesquisa na física e na biologia é um sintoma do despertar dessas ciências para o que são: disciplinas linguísticas. O recurso à cibernética por poetas, compositores e artistas plásticos prova para mim que ciência e arte tendem a fundir-se. Creio, não obstante, que muitos termos da cibernética, e mais especialmente o termo "informação" e "ruído", exigem uma iluminação existencial-paciente.

b) Finnegan's Wake é para mim o desvendar de um aspecto da língua, um aspecto que tem a ver com o problema do nome próprio e do predicado. Expliquei o que tenho em mente em ocasião futura.

c) sou de uma cidade barroca, (Praga), e sou provavelmente barroco, se Você quiser incluir no barroco o maneirismo.

d) a pergunta é quase proibitiva. O filósofo que mais me entusiasma, (se me lembro bem), foi Schopenhauer, o que mais me inquietou foi Wittgenstein com o qual gostaria de poder concordar foi Kant, e com o qual concordo mais é Camus. Heidegger é sem dúvida, (com Husserl e com Dilthey) aquele que mais gostaria de ultrapassar, e é, neste sentido, o mais importante.

e) O problema de linguagens "não verbais" (como Você diz) são, na realidade, dois problemas. Ambos estão ligados com o termo "significado". O significado de linguagens como a matemática ou a semiótica e a linguagem U, são portanto linguagens abstratas. Predicam classes. É por isto que podem ser organizadas em discursos progressivos, já que predicam termos exauríveis. O significado de linguagens como música ou pintura é o inarticulado, são portanto linguagens concretas, pelo menos em tese. Predicam nomes próprios. É por isto que não podem ser estruturadas em discurso progressivo, já que predicam termos inexauríveis. Mas admitem, por sua vez, abstrações rigorosas. É um problema do futuro, mas na música esse problema já começa a mostrar seus chifres.

Zen: se depreciel esse conceito no artigo ao qual Você se refere, foi no contexto da religiosidade do Ocidente. Como fenômeno autêntico, se é que me posso exprimir assim, não creio que pode ser vivenciado por nossas mentes. Somos condenados ao pensar predicativo. A estrutura da realidade é para nós um "Sachverhalt", consiste de objetos ligados por predicados. No Zen a estrutura da realidade é outra. Herrigel explica o melhor que pode como atirador, flexa e alvo se identificam. Mas não adianta explicar, já que "atirador", "flexa" e "alvo" continuam sendo substantivos. O projeto das nossas línguas estabelece uma jaula em nosso redor, "und hinter tau send Staeben keine Welt".

As suas experiências são muito interessantes e teria muitos comentários se tivesse tempo de sobra. Continue escrevendo, que um belo dia lhe responderei mais exaustivamente. Desculpe o tom "ex cathedra" que é resultado de pressa, e não de pretensão a superioridade que não possuo. Pelo contrário, sou todo dúvida, e sempre pronto a retirar tudo que disse à primeira argumentação em contrário que me convença.

O pacote que Você prometeu não chegou.

Amistosamente